

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A FORMAÇÃO DOCENTE E A COMPREENSÃO CRÍTICA DA REALIDADE

Lorena Raquel de Alencar Sales de Moraes

Especialista em Docência Superior / raquelvi16@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as contribuições do projeto de formação continuada, desenvolvida na Escola Municipal Liberato Vieira, associada à construção da educação do campo no contexto do semiárido. A formação de educadores do campo durante muito tempo foi desenvolvida a partir dos modelos clássicos, pautado numa concepção fragmentada e descontextualizada. Nesta perspectiva, as discussões desenvolvidas neste trabalho voltaram-se a compreensão da educação do campo, as lutas pela melhoria do ensino e sobre os modelos de formação de educadores, destacando a perspectiva crítica emancipatória que norteia o projeto de formação que investigamos e analisamos. Os estudos fundamentaram-se em autores como Lima (2011; 2014). O tipo de pesquisa foi a participativa, onde os procedimentos metodológicos foram observação participante, entrevistas, análise documento e caderno de campo. Concluímos que a formação continuada de educadores no contexto do semiárido foi uma oportunidade de vivenciar mudanças positivas na educação.

Palavras-chave: Educação do campo. Formação de professores. Perspectiva crítica.

1 INTRODUÇÃO

A formação de professores no Brasil traz relevantes discussões no âmbito de sua qualidade, especificidade e ainda da singularidade de atuação do educador nos diversos espaços que envolvam o processo de educação. Dessa maneira, a educação do campo se constitui como modalidade que exige do professor uma educação que atende as especificidades socioculturais, políticas, econômicas e organizativas dos sujeitos do campo favorecendo aos educandos uma aprendizagem significativa. Daí a importância das discussões voltadas às possibilidades na formação de professores que irão atuar no campo, dessa maneira, ressaltar a relevância deste trabalho e suas contribuições para construção de uma educação do campo com qualidade em nosso país.

Desse modo, tivemos como objetivo geral: analisar as contribuições do projeto de formação continuada, desenvolvida na Escola Municipal Liberato Vieira, associada à construção de uma educação do campo no contexto do semiárido, Compreender assim as contribuições do processo de formação continuada para execução de uma proposta de educação do campo no contexto do semiárido.

Os sujeitos da pesquisa foram as 12 professoras das referida escola que participaram dos eventos formativos. No entanto, utilizamos neste trabalho os depoimentos de apenas 2 (dois) professoras entrevistadas, que foram identificadas ao longo do texto com os codinomes: Diretora e Maria.

Os procedimentos metodológicos realizados nesse trabalho foram baseados na participação/observação dos encontros, através de atividades denominadas Rodas de Diálogos, que resultaram na discussão crítica das educadoras e ainda na produção coletiva do Projeto Político Pedagógico da escola.

A relevância desta pesquisa está associada às reflexões desenvolvidas sobre processo de formação de professores associada à construção da proposta de educação do campo de qualidade numa perspectiva crítica. Compartilhando assim uma experiência que através da formação continuada com reflexões teórico-metodológicas vinculadas à teórica crítica, que leva em consideração a realidade dos sujeitos, se obteve êxito na construção de uma educação que faz mais sentido à comunidade que ela ensina.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Revisão de Literatura

No Brasil, embora considerado um país agrário, os direitos educacionais ao que vivem no campo foi notoriamente negado, partindo da ótica de um lugar de atraso, uma realidade a ser superado. Dessa forma, o processo educacional voltado à população do campo possui uma diversidade de conceitos e concepções. Antes se pensava no desnecessário investimento educacional dessas áreas. E quando se pensou realmente em uma educação NO Campo foi aos moldes da educação Rural, que trilha nos caminhos dos interesses das classes dominantes.

Com o êxodo rural e a chegada dos camponeses às cidades na busca de uma vida melhor, no século XX (SALES, 2011), trouxe a discussão de uma educação rural que procurasse estabelecer o pensamento dos sujeitos do campo, ensinando o conhecimento prático e útil, resumindo o ensino a plantar, colher, cuidar de animais para garantir o próprio sustento, com pouca ênfase aos conteúdos sistematizados e muito menos a formação crítica para os sujeitos oriundos do campo. Dessa forma, a educação rural, encontrava-se na base do pensamento latifundiário assistencialista, onde havia um controle político sobre a terra e das pessoas que vivem nela, contemplando uma formação em que pessoas continuassem a acreditar no conformismo das suas condições econômicas, não necessitando de estudos críticos-reflexivos para garantir sua sobrevivência.

Nas transformações políticas sociais que ocorreram no Brasil, e as lutas e reivindicações eis que surge uma Lei que aparentemente deveria transformar a concepção educacional do campo, a Lei da Orgânica da Educação Nacional, em 1942, mas que em sua essência, infelizmente, vem enfatizar a separação do conhecimento direcionado a elite do conhecimento voltado as classes populares. A construção das Diretrizes da Educação do Campo é um passo importante para implementar as concepção de educação considerando as singularidades que constituem os sujeitos que vivem nas áreas rurais.

A formação docente se faz relevante no processo educacional a partir da busca na articulação entre teoria e prática, onde “a produção de conhecimento e intervenção social, possibilite a vivência

da gestão democrática e possa despertar, nos profissionais docentes, o compromisso social com a transformação das condições de injustiça sociais as quais estão submetidos os nossos jovens.” (LIMA, 2011, p. 51).

É importante a existência de profissionais capacitados no mercado de trabalho mesmo que para isso seja necessária aligeirar sua formação, mas o sentido capitalista esquece-se de questionar a verdadeira essência de ensinar no processo educacional vigente e não simplesmente transmitir informação. Não queremos desqualificar as formações que costumam acontecer de maneira aligeirada, visto que também são importantes na contribuição do acesso a educação para alunos fora das áreas privilegiadas aos investimentos e “desenvolvimento”, desejamos descrever a importância das concepções que norteiam os programas de formação docente na contribuição de um educação de qualidade.

2.2 Resultados e Discussões

Um dos primeiros momentos realizados foi a Roda de Diálogo “Breve diagnóstico da comunidade”, onde os objetivos desse encontro consistiam em possibilitar a compreensão dos docentes enquanto sujeito social do semiárido, analisar, refletir sobre contexto sociocultural dos alunos e as práticas educativas desenvolvidas na escola articuladas a com as necessidades formativas dos alunos e do projeto de desenvolvimento da comunidade (UFPI, 2013).

Neste processo, o grupo é desafiado a repensar o papel da escola na comunidade a partir da realidade, pois a escola não tem sentido sem essa articulação, não pode existir sem considerar a realidade das pessoas que tem desejos e sonhos. Assim o educador formador inicia o encontro com a seguinte questão:

[...] A conversa de hoje vai ter esse caráter de conhecimento do grupo, da escola, por que partir disso? Pra gente identificar o que falta pra que a gente saiba o que precisa discutir é preciso identificar o grupo, [...]Então, quem somos nós Nesse espaço em relação ao que são nossos alunos? Porque nos somos produtos do mesmo espaço. E alguns aspectos históricos eles sem mentem. Então o que eu vivi tem relação com o que meus alunos também viveram? E como a escola possa contribuir para que o nosso aluno supere isso ou ignore as possibilidades? (Relatório – II Roda de Diálogo)

Ao problematizar sobre a importância de entender os sujeitos que constroem a educação da comunidade, também destaca as relevâncias da compreensão da realidade da comunidade para entender melhor o educando, como protagonistas e sujeitos formados a partir dos aspectos históricos e culturais existentes na comunidade. Que aspectos os docentes destacam como relevantes e os aspectos que precisam ser repensado/transformado na comunidade? Como os pais vêm à comunidade? E os alunos, quais as impressões deles sobre a comunidade? Que mudanças os pais e alunos sugerem ou propõem para a comunidade? São questões que problematizam aspectos históricos na construção do sujeito, que trazem a tona algumas contradições históricas, políticas e

sociais da sua realidade, e formam um passo para as reflexões na construção de saberes importantes na compreensão crítica da realidade, antes adormecidos.

Ainda nessa roda foram divididas em dois grupos para a construção do mapa da comunidade uma com as riquezas naturais e outro com a infraestrutura da comunidade, que serviu de Instrumento importante para conhecer a comunidade fazendo as professoras refletir se conheciam mesmo a comunidade que trabalhavam. Na entrevista realizada uma das professoras relembrou das discussões feitas nesta etapa da formação, descrevendo a reação do grupo diante dos questionamentos e das provocações sobre a compreensão da realidade:

Muito difícil, eu lembro que quando foi pra gente fazer o croqui do brejo, nos entramos em pânico, mas como é? Mas eu acho que por a gente estar medo, estar preocupada, uma nova metodologia que agente ainda não tinha visto. A gente achou que ninguém ia cobrar isso da gente mas de repente... A gente fazia aquilo ali com o aluno mas nunca tinha se colocado no lugar do aluno, então eu acho que isso foi que fez a diferença, a gente se olhar como se fosse o aluno [...] eu lembro que eu falei assim “minha gente eu nunca desenhei na minha vida”, eu lembro que a gente sentou na mesa. Não! vamos pensar, num é como é o brejo? Vamos começar, aí a gente começou a pensar, imaginando... Foi legal assim, porque foi um caminho que a gente vivia mas que nunca tinha sim prestado a atenção[...] foi muito muito interessante, e nós conseguimos.(DIRETORA, arquivo pessoal 2015).

Nesse depoimento a DIRETORA descreve a dificuldade que encontrou em produzir o mapa da comunidade, refletindo que é uma realidade que passavam todos os dias para trabalhar na escola da comunidade, mas sentiu-se desafiada para concretizar o que acreditavam já conhecer. Mas juntas, descreve ela, que conseguiram e perceberam a importância dessa descrição no processo de conscientização crítica da realidade. Outra questão levantada na entrevista realizada com os sujeitos dessa pesquisa, está associada ao fato das professoras esta relacionado a melhoria dos trabalhos realizados na escola municipal Liberato Vieira a partir da compreensão crítica da realidade. Essa questão procurou levantar o que de fato mudou na visão das professoras após tomarem consciência da realidade da comunidade, após visualizarem “os dados concretos”. E podemos perceber em seus depoimentos que,

[...] trouxe assim, para os alunos um olhar com mais esperança, eles acreditam mais que eles têm possibilidades, que eles podem acreditar no que eles querem, eles deixam isso bem claro [...] Eles não tem medo de chegar e falar da sua vida, particular. Então tudo isso acarretou numa confiança maior que a relação professor e alunos, escola e comunidade. E os pais que depositam assim, uma confiança. (DIRETORA, arquivo pessoal 2015)

Como nós falamos não mudou 100%! Mas mudou a participação dos pais, dos alunos em apresentações, em ir pra frente e comandar alguma coisa que antes sugeriam eles sempre resistiam e hoje não, agente já vê o envolvimento deles querendo participar, isso aí é mudança. (MARIA, arquivo pessoal, 2015)

Neste caso, observamos que apresentaram um pouco de confusão nas respostas, no entanto ao analisarmos suas visões sobre a realidade podemos considerar que cada uma delas respondeu a sua maneira. Onde a DIRETORA, fala da relação da escola com a comunidade que após esse

reconhecimento tornou-se mais confiável, ou seja, a comunidade sentiu-se pertencente a escola que agora reconhecia sua realidade e que buscava seu ensino articulação com o que havia na comunidade, melhorando a relação da escola com os pais e dos professores e alunos, e efetivando uma educação contextualizada. MARIA enfatiza o que a DIRETORA havia falado, os alunos sentiam-se mais a vontade para participar das atividades que escola a propunha, pois sentiam-se pertencente aquelas discussões, que trazia como foco a sua realidade. Em outro momento da entrevista professora MARIA afirma *“porque quando traz pra sala de aula já não é novidade pra ele, eles participaram, eles fizeram parte desse processo, então vai ser fácil ta envolvendo ele nessa construção, porque eles também estão construindo.”* (MARIA, 2015). Essa afirmação mostra claramente a importância do reconhecimento da realidade, pois dessa forma os alunos se sentem protagonistas do processo, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento da educação.

O reconhecimento de si como sujeito histórico, social e cultural é essencial para problematizar as contradições de conceitos sobre a realidade e, a construção do ser a partir da realidade que o cerca. Na compreensão da realidade, há também, mudanças na concepção de educação, visto que ao problematizar em sala de aula questões que antes eram negadas na formação do sujeito considerando a sua realidade nos aspectos históricos, sociais e culturais, haverá novas reflexões que ajudaram na construção de uma educação libertadora. Freire (2013, p.39), discute que,

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõe a si mesmo como um problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmo”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento no seu pouco saber de si uma das razões para essa procura. Ao se instalarem no quase, senão trágica descoberto do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas.

Podemos relacionar a importância do conhecimento da realidade do aluno, do conhecer a si mesmo, e as suas raízes, nas falas de ambas as professoras que, descrevem a relevância do reconhecimento, da consciência da realidade da comunidade em que vivem e ou trabalham. Antes poucos sabiam dessa realidade, conheciam pouco seus alunos, mas com essa consciência crítica da realidade construída através da formação continuada que participaram foi possível refletir e “indagar”, respondendo a questões voltadas aos vários aspectos que constituem a comunidade, fazendo assim surgir ainda outras novas questões, que ajudam na criticidade e na formação maneira que, não aliene seus aprendizes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este estudo que foi desenvolvido na perspectiva de analisar o projeto de formação continuada de educadores no contexto do semiárido. Neste processo, identificamos que o modelo de formação é avaliado pelas educadoras de maneira positiva apesar das dificuldades, dos

desafios e do conhecer algo novo, e sair do que se encontrava ordenado como única maneira para se ensinar, e aprender.

O desafio de compreender criticamente a realidade, não é uma tarefa fácil, sobre tudo se considerarmos os papéis da relação de “opressor” e “oprimido”, ou seja, na formação existiam os papéis professores que, por um lado, se emanciparam e tronaram-se livres dos estereótipos do incapaz, do não poder, do não ser, e conseguiram visualizar as amarras e tentar quebra-las. No entanto, por outro lado, professores que se vestem com o papel de opressor e do estereotipo “eu sim, você não é, ou do eu posso, você não”.

Nesse trabalho de formação continuada realizado na Escola Municipal Liberato Vieira evidencia as grandes transformações ocorridas nos caminhos trilhados pela educação que antes existia, e que hoje se transforma como maneira de conquistar uma aprendizagem mútua, maior participação do sujeito na construção do conhecimento, melhor relação professor/aluno, escola comunidade, a contextualização das aulas, uma visão expandida do conteúdo e, aulas que extrapolam as paredes da sala que, vão além dos muros da escola, que valorizam a comunidade e percebe o quão ela pode oferecer no processo educacional.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 36/2001. **Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo.** Brasília: MEC/CNE, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 55 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2013.

SALES, Suze da Silva. **O cenário político e socioeconômico do campo no século XXI.** In: LIMA, Elmo Souza. SILVA, Ariosto Moura da. (Org). **Diálogos sobre a Educação do campo.** Teresina: Edufpi, 2011.

LIMA, Elmo Souza de. **Formação continuada de professores no semiárido:** resignificando os saberes e práticas. Teresina: ADUFPI, 2011.

UFPI, Universidade Federal do Piauí. **Projeto de formação de Educadores no contexto do semiárido.** Teresina: UFPI, 2013.